

Tecnicidades das rádios livres e comunitárias: o caso Radio Rebelde zapatista

*Free and community radio technicalities:
the zapatista Radio Rebelde case*

Ismar Capistrano Filho | Universidade Federal do Ceará (UFC)

Jornalista, assessor de comunicação, é professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Email: ismarcapistranofilho@gmail.com

Resumo

A Radio Rebelde é uma emissora das comunidades zapatistas, movimento insurgente do sudoeste mexicano. A estação é analisada, neste artigo, a partir da proposta teórico-metodológica das tecnicidades dos usos sociais dos meios de Jesús Martín-Barbero. Nesta perspectiva, é possível observar as apropriações dos formatos radiofônicos pelas comunidades zapatistas, que a distingue do modelo dominante de emissoras comerciais. A oralidade, a imagem acústica e a abrangência são os modos de percepção da tecnologia radiofônica utilizados para irradiar o projeto de autonomia dos povos originários zapatistas.

Palabras Claves: rádio, zapatista, tecnicidades, usos sociais, autonomia.

Abstract

Radio Rebelde is a broadcaster of Zapatista communities, an insurgent movement in southwest Mexico. The station is analyzed in this article from the theoretical-methodological proposal of the technicalities of the social uses of the media of Jesús Martín-Barbero. In this perspective, it is possible to observe the appropriations of the radio formats by the zapatistas communitys, which distinguishes the station from the dominant model of commercial radios. The orality, the acoustic image and scope are the modes of perception of the radio technology used to radiate the autonomous life project of the zapatista population.

Keywords: radio, zapatista, technicalities, social uses, autonomy.

Introdução

Este artigo é um recorte do eixo de análise das tecnicidades da *Radio Rebelde zapatista*¹, elaborada na tese de doutorado “Usos sociais das rádios zapatistas: o mapa nortuno das mediações comunicativas da cultura na construção da autonomia”, produzida junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG), entre 2012 e 2016, através de cinco imersões no campo de pesquisa, na região de Los Altos no Estado mexicano de Chiapas, que totalizaram oito meses de vivências. Além de investigações documentais e bibliográficas sobre as emissoras e sobre a temática, foram realizadas entrevistas com produtores² e ouvintes das rádios pesquisadas, observações de inspiração etnográfica na comunidade indígena de San Isidro de La Libertad e escuta, gravação e transcrição da programação das emissoras durante três semanas de julho de 2013. Neste recorte, serão excluídos os demais eixos de análise da tese e a outra emissora investigada, *Frecuencia Libre*.

Esta pesquisa tem como pressuposto a perspectiva teórico-metodológica dos usos sociais dos meios. De acordo com o filósofo hispano-colombiano, Jesús Martín-Barbero, para refletir sobre os fenômenos comunicacionais, é necessário fazer dois deslocamentos. O primeiro, representado pela metáfora de perder o objeto para encontrar o caminho, significa compreender o processo da comunicação a partir das mediações, isto é, do trânsito dos significados e sentidos nos diferentes grupos, instituições, lugares e tempos onde circula. O segundo é o caminho de volta aos meios, refletindo a centralidade que os mesmos ganham nas sociedades contemporâneas condicionando agências, fluxos e ritmos. A metodologia para o estudo dos usos sociais está baseada em quatro operadores conceituais: matrizes culturais, lógicas de produção, formatos industriais e competências de recepção, que, relacionados, formam as institucionalidades (matrizes e lógicas), tecnicidades (lógicas e formatos), ritualidades (formatos e competências) e socialidades (competências e matrizes).

As tecnicidades, de acordo com Martín-Barbero (1998), articulam as lógicas de mercado e os formatos industriais a partir do conceito de *sensorium* de Walter Benjamin, compreendido como a conexão entre “as inovações (tecnológicas) com os modos de percepção e experiência social” (JACKS, 2008, p. 38). Benjamin (1994, p. 5) explica que “o modo em que a percepção sensorial do homem organiza – o *medium* em que ocorre – é condicionado não só naturalmente, como também historicamente”. Assim, há qualidades sensoriais de ordem fisiológicas (visão, audição, tato...) que são apropriadas, potencializadas ou atenuadas a partir dos usos, consolidados por processos culturais, econômicos e políticos.

Para o filósofo alemão, “em grandes épocas históricas altera-se, com a forma de existência coletiva da humanidade, o modo da sua percepção sensorial” (BENJAMIN, 1994, p. 8). Na perspectiva desta investigação, que tem como princípio a relação entre comunicação e culturas, considero que estas mudanças acontecem não só em largos períodos históricos, mas em cada grupo social que possui suas próprias relações com o contexto mundial e com o uso das tecnologias.

O pesquisador mexicano Guillermo Orozco (2002, p. 93) defende, neste sentido, que cada meio tem sua tecnicidade específica, que “media a percepção do sujeito ao organizar a negociação de significados com os conteúdos”. Para ele, a tecnicidade se manifesta na potencialidade do veículo que se entende “[...] em sua dupla dimensão de instrumento e racionalidade substantiva de conformação e transformação formal dos referentes que veicula cada meio” (OROZCO, 2000, p. 115). As tecnicidades, entretanto, não se restringem apenas ao instrumental dos meios. Por isso, Veneza Ronsini (2012) define as tecnicidades como as práticas comunicativas mediadas pelas diferentes linguagens, técnicas de produção e práticas dos receptores. Jacks (2008, p. 38) explica que, “para Martín-Barbero, a técnica extrapola a ordem instrumental e sedimenta os saberes e a constituição das práticas”.

Neste caminho, este artigo busca responder às seguintes questões: qual o papel do rádio na comunicação zapatista? Como as comunidades zapatistas se apropriam do meio, da linguagem e dos formatos? Quais as contribuições e limitações do uso da tecnologia radiofônica para partilhar as mensagens zapatistas? Para responder às questões, esta comunicação está dividida em três partes. Primeiro, apresenta o objeto de estudo. Nesta parte, serão abordados a história da rádio e aspectos da programação da mesma. Em seguida, avança na definição de tecnicidades a partir dos conceitos de apropriações tecnológicas e de *sensorium* da tecnologia radiofônica. No fim, serão analisadas as tecnicidades, por meio da oralidade e escritura na *Radio Rebelde* e dos modos de percepção possíveis.

A voz da mãe terra

A *Radio Rebelde* zapatista é uma emissora situada na região de Los Altos no sudoeste mexicano, Estado de Chiapas. A estação surge a partir das Radios Insurgentes organizadas pelo EZLN desde fevereiro de 2005, em Los Altos (próximo a San Cristobal de Las Casas), Selva Tseltal e Selva da Fronteira (vizinho a Guatemala). Apresentadas como “a voz dos sem voz”, estas estações visavam mostrar “os avanços do processo de construção da autonomia nas zonas zapatistas e promover a difusão da palavra e a música das comunidades indígenas”³. Como parte do projeto de autonomia zapatista, desde 2008, teve início a transferência das rádios para os governos civis, processo que se consolidou em 2012, quando as emissoras mudaram de nome e formataram novas programações. A autonomia zapatista compreende a autodefinição, o autogoverno, a autodelimitação e a autodisposição (BARCENAS, 2011). A primeira é a possibilidade de determinar por si mesmos quem são as pessoas que a constituem. A segunda é a construção da própria gestão. A terceira característica é a definição, por si mesmos, dos limites de seu território. Já a última é promover a organização social da maneira que mais lhes convenha, desenhando seu próprio desenvolvimento. A gestão das rádios pelos Caracóis⁴ contribui para organização dos mesmos, que gerenciam os espaços a partir das demandas locais e tomam as decisões priorizando as comunidades autônomas articuladas e não submetidas à estrutura político-militar do EZLN.

A Radio *Rebelde*, com o slogan “A voz da mãe terra”, transmite diariamente, em 107,1 FM. Durante a escuta e transcrição das emissões da Radio *Rebelde*, notei que sua programação se estrutura sem a divisão em programas nem a alternância de blocos e intervalos. A estação transmite com locução bilíngue em espanhol, seguida de tradução, para as línguas mayas *tsetal* ou *tsotiʼ*. Também toca predominantemente músicas revolucionárias e dos povos tradicionais, intercaladas pelos formatos, identificados pelos próprios locutores, como mensagens, comunicados, contos e poesias. As primeiras são gravações que se assemelham a *spots*⁶ publicitários com mensagens de cunho educativo ou político, por exemplo, sobre os cuidados da saúde, o trabalho coletivo, o engajamento comunitário dos jovens, o meio ambiente e a dignidade das mulheres. Já os comunicados são textos escritos pelas comunidades e coletivos zapatistas e aderentes, pelas Juntas de Bom Governo (JBC) dos Caracóis, pelo Comitê Clandestino Rebelde Revolucionário (CCRR) do EZLN e pelo Congresso Nacional Indígena (CNI). A leitura feita ao vivo pelos locutores destes textos reproduz integralmente o conteúdo original que, geralmente, circula primeiro no site do movimento⁷.

Os contos, por sua vez, são narrativas ficcionais gravadas, por vezes com inserções de fundos musicais e efeitos sonoros (como sons de grilos e de água corrente), que apresentam alguma lição sobre os comportamentos sociais e as posições políticas. No período pesquisado, foram registrados sete, sendo um inaudível por problemas de captação do sinal, três somente em idiomas mayas e outros três em espanhol: “O noivo namorada a noiva”, sobre respeito nas relações entre namorados, “Rei do Mal” e “Coiole”, os últimos dois sobre as consequências nocivas do avanço do capitalismo. As poesias também tratam destas temáticas em textos curtos gravados (provavelmente, interpretados pelos autores), alguns apresentando um tom irônico e humorístico, como o texto Bomba Bomba, que critica os últimos presidentes mexicanos e outros com ácidas exortações, como Desperta Juventude.

A programação da Radio *Rebelde* se estrutura de maneira fragmentada, transmitindo das 7 às 11h e das 17 às 21h do Fuso Horário Frente de Combate Sul Oriental, criado pelo próprio movimento e sendo duas horas mais cedo do que o Fuso Oficial da Cidade do México, adotado pelo Estado de Chiapas. No restante dos horários, o transmissor é desligado, não havendo qualquer tipo de emissão. Segundo três ouvintes da comunidade indígena de San Isidro de La Libertad de cinco entrevistados pela pesquisa naquela localidade, a fratura do horário representa os ciclos do dia que os campesinos têm para escutar a programação: o início da jornada quando começam as atividades e o final quando voltam para descansar em casa. A emissora também pouco veicula vinhetas. No período de escuta, encontrei apenas uma feita em diferentes versões de fundos e trechos musicais (pop rock, rap, pop romântico, reggae, cumbia, música norteña...) com o seguinte texto: “Continue escutando a Rádio *Rebelde*, voz da madre terra, / transmitindo desde algum lugar dos povos zapatistas em Caracol Dois em Resistência e Rebeldia pela humanidade, zona Altos de Chiapas, / na frequência 107.1 em FM”.

A tecnologia nos deslocamentos das mediações comunicativas da cultura

Para pensar este uso da tecnologia radiofônica pela *Radio Rebelde* é necessário, fazer uma adequação do conceito de tecnicidades de Martín-Barbero (1998), que define como a relação das lógicas de produção e formatos industriais, sendo necessário focar as condições de produções não comerciais dos meios livres e comunitários, que não possuem as características industriais. Ao invés de discutir identidades fluidas, ideologia dominante, cultura universal e vivência fragmentada e heterogênea, como propõe Veneza Ronsini (2012), serão pensadas as apropriações das tecnologias pelos excluídos, a oralidade como modo perceptivo e a construção da autonomia através da tecnologia radiofônica. Assim, parto da definição de tecnologia como um processo de apropriação social e individual, para, em seguida, discutir os formatos da emissora e, por fim, os modos de percepção do rádio baseados na oralidade, alcance imediato e imagem acústica para o uso do meio na promoção da autonomia

Apropriações tecnológicas

Tecnologia, segundo Peter Burke e Asa Briggs (2004), é um produto do desenvolvimento da ciência utilitarista desde a Revolução Industrial no século XIX. As invenções e descobertas do conhecimento aplicadas à indústria passam a servir não somente para o acúmulo de saber e a melhoria da qualidade de vida dos privilegiados usuários, mas também para a lucratividade empresarial. A história do rádio demonstra como é um percurso de apropriações, reconfigurações e redesenhos das tecnologias por diversos atores sociais que disputam não só significados, mas usos.

O processo de desenvolvimento tecnológico possui, como seu motor, a apropriação, compreendida, a partir de Certeau (1994), como tomar para si algo de outrem. De acordo com a pesquisadora mexicana Delia Druetta (2013, p. 12), os educadores Vygotski e Leóntiev definem esse processo não como simplesmente transferir algo externo a um plano interno preexistente, mas “processos mediante os quais o plano interior se transforma”. Diferente da adaptação biológica, a apropriação é uma dinâmica que reflete as condições históricas dos sujeitos e seu grupo social e não se limita à posse, uso e redesenho de objetos ou recursos, mas também na resignificação e reconfiguração de seus sentidos socialmente partilhados. Assim, este processo modifica tanto o sujeito que exerce a ação de tornar-se dono, como as práticas culturais do entorno.

A apropriação tecnológica do rádio pelas comunidades zapatistas se reflete, principalmente, na organização da programação e formatos. Martín-Barbero (2002, p. 16) compreende formatos como padrões que as emissoras criam para organizar seu conteúdo. “Os formatos, em troca, funcionam como operadores de uma combinação sem conteúdo, estratégia puramente sintática”. Na *Radio Rebelde*, como anteriormente apresentado, estão agrupados em mensagens, comunicados, músicas (de marimba, tradicionais, revolucionárias chiapanecas, revolucionárias nacionais e revolucionárias internacionais), poesias e contos. Estes formatos revelam o processo de apropriação do modo de

fazer e organizar o conteúdo do rádio. O padrão de organização do conteúdo desta emissora diverge dos formatos industriais predominantes nas rádios comerciais, reunidos por Mário Kaplún (2006) em musicais, noticiários, conversa, diálogo, entrevista, rádio-jornal, rádio-revista, mesa redonda, rádio-reportagem, rádio-drama e radionovela e, por Luiz Artur Ferraretto (2001), em informativos (nota, reportagem, rádio-jornal, documentário, painel, debate, rádio-revista) e de entretenimento (musical, humor, drama e auditório).

Diferente dos meios massivos comerciais que, para Martín-Barbero (1998), espelham entre as variadas tensões das lógicas de produção, os interesses econômicos e as condições do mercado, a apropriação dos formatos na *Radio Rebelde* reflete os valores, principalmente, do pertencimento comunitário e da relação com a terra. Não há a fragmentação e a heterogeneidade da emissora em programas, que possuem uma identidade e um horário próprio. Os formatos na emissora configuram uma perspectiva de coesão, assim como a organização das comunidades. Há diferentes conteúdos, mas que não estão vinculados a fragmentos heterogêneos de horários e podem estar em qualquer hora de transmissão, ou seja, são rotativos. Não há programa igual ao outro, dia após dia, como no padrão industrial. São como membros de comunidades autônomas que podem participar e se manifestar quando quiserem em qualquer assembleia.

Estes formatos existem como formas culturais independentes da tecnologia radiofônica. A *Radio Rebelde*, nesta perspectiva, reflete a vivência dos povos originários, buscando adequar seu padrão aos saberes que circulam e não o contrário. O caráter naturalizado dos formatos possibilita criar uma maior familiaridade dos ouvintes com a emissora e, por conseguinte, pode reforçar os laços dos receptores com a memória social e com a vida comunitária. Por fim, a ruptura da *Radio Rebelde* com o padrão comercial demonstra não só que estas formas de organização do conteúdo do rádio não são universais, mas que o processo de uso pelas comunidades zapatistas, em suas lógicas de resistência, isto é, excluídos da predominante lógica de mercado, revela as características autônomas de autodefinição e autodisposição da emissora. Conforme define Barcenás (2001), o primeiro traço possibilita a determinação das identidades por si mesmos. Já o segundo possibilita uma organização coletiva a partir das decisões dos próprios participantes. Na programação da *Rádio Rebelde*, os nomes e os agrupamentos de seus conteúdos não são deliberados por um padrão exógeno técnico-comercial, mas definidos a partir das próprias condições culturais das comunidades que se apropriam do modo de fazer rádios

Oralidade como sensorium

Os formatos autodefinidos da emissora possuem a oralidade como modo de percepção predominante. Walter Ong (1993) define a oralidade como a comunicação que tem como base a fala, que, por sua vez, significa, segundo Fernand Saussure (1996), a dupla articulação dos sons que possibilita criar palavras, frases e discursos, dando condições de uma complexa comunicação. De acordo com Ong (1993, p. 8), “a fala é inseparável de nossa consciência”. Os falantes pensam assim a partir das possibilidades de seus idiomas, do

repertório de palavras e da relação sintática entre as mesmas. Os formatos da Radio *Rebelde* são organizados preponderantemente na perspectiva da oralidade primária, conceituada pelo autor, como a fala experimentada sem a vivência escrita, dado que são produzidos em comunidades que possuem o *tsotsil* e o *tsetal* como línguas maternas, não possuem codificação escrita própria.

Esta cultura oral se caracteriza, conforme Martín-Barbero (2004, p. 73), pelos relatos populares que promovem a “comunhão entre a memória e experiência e modo de conta-la”, articulando a cotidianidade com os arquétipos das matrizes culturais. A expressão oral constitui-se um processo criativo que produz e acrescenta novos sentidos, envolvendo emocionalmente os receptores. Na América Latina, a oralidade torna-se, para o autor, a principal fonte de conhecimento e circulação de sentido, desde os povos originários mais remotos até as matrizes populares da cultura massiva, como no rádio-teatro, dramas originados pelos *payadores* – poetas populares, denunciando as injustiças e o sofrimento vivido pelos camponeses. A tecnologia radiofônica passa a ocupar assim o espaço da narração de histórias coletivas de povos. Desta maneira, torna-se fundamental estabelecer uma relação entre a rádio-audiência e a “leitura auditiva” que durante tanto tempo constituiu a leitura popular.

Na América Latina, essa experiência moderna tardia se acha atravessada por um especial e profundo mal-estar. A desmistificação das tradições e dos costumes, desde quando, faz bem pouco tempo, nossas sociedades elaboravam seus “contextos de confiança”, leva ao desmoronamento da ética e à desarrumação do hábitat cultural (MARTÍN-BARBERO; REY, 2004, p. 31).

Segundo o autor, o “mal-estar cultural” se expressa nos usos próprios das tecnologias sem a vivência e o hábito da escrita, da qual se originam e se produzem estes meios eletrônicos. Se, por um lado, esta situação nos dificulta o proveito de algumas potencialidades destas tecnologias, por outro, abre possibilidades para a inventividade criativa dos redesenhos e reconfigurações, presentes no que Michel De Certeau (1994) chama de bricolagens, gambiarras e táticas dos desfavorecidos. Assim, os formatos da Radio *Rebelde* não só demonstram a falta de domínio das técnicas industriais de produção radiofônica, mas a apropriação pela oralidade, sem o predomínio da escrita, desta tecnologia, organizando seus conteúdos em formas presentes nas mais remotas culturas orais, como as poesias, contos e canções. Estas possibilitam a circulação, nestes grupos do conhecimento, da identidade e da arte, através de táticas de memorização como as rimas, as fábulas, a melodia. Martín-Barbero (1998, p. 327), ainda completa que “a oralidade não é mera ressaca do analfabetismo”, mas “ponte entre a racionalidade expressivo-simbólica e a informativo-instrumental”, captando a densidade de condições de existência do popular. O rádio serve assim para, além de resgatar a leitura coletiva, traduzir informações técnicas e racionalizadas em sentidos emocionais e compreensíveis para as culturas populares de tradição oral.

Mesmo podendo ter sua codificação escrita, os contos e as poesias são os dois formatos que mais refletem a presença da oralidade primária na programação da Radio *Rebelde* que realizam o resgate da leitura coletiva. Os primeiros,

segundo Walter Ong (1993, p. 8), são formas artísticas de origem oral que se caracterizam pelo relato de estórias, mitos e lendas, antigas e recentes redeseñadas ou recém-inventadas. De acordo com o autor, há um pensamento e um universo de comunicação próprios da oralidade, baseados no som articulado, nas imagens mentais e na gesticulação. Já para o pesquisador mexicano Ezequiel Maldonado (2001, p. 17), que investigou a relação entre o conhecimento zapatista e as culturas orais, a oralidade manifesta a concepção de vida individual e social, mantendo a espontaneidade, a memória coletiva e o saber tradicional da comunidade. “Pode ser usada para transmitir sua história tanto lendária ou mítica, como recente, para ensinar normas de comportamento de grupo e suas formas de organização social e religiosa, para compreender a relação do homem com a natureza”. O autor defende o caráter coletivo dos contos que são relatos feitos para serem expostos em encontros presenciais de várias pessoas, podendo ser modificados de acordo com ou pelo público. Segundo ele, os contos zapatistas, como do “Velho Antônio”, que foram publicados em vários livros e em dezenas de idiomas, possivelmente são relatos primeiramente expostos a coletivos e, depois de “testados”, ganharam sua versão escrita. É possível que os contos veiculados na *Radio Rebelde* também possuam a mesma dinâmica. A oralidade dos contos, além de partilhar o conhecimento socialmente, interpelam à criação uma imagem acústica que, conforme o pesquisador uruguaio Mario Kaplún (2006, p. 70), é estimulada pela “capacidade de sugerir, de alimentar a imaginação do ouvinte com uma variada proposta de imagens auditivas”.

Já as poesias, segundo Maldonado (2001, p. 18), também possuem origem oral, que utilizam recursos como rima e métrica para facilitar a memorização e fazer circular conhecimentos e narrativas nas comunidades orais. “Esta oralidade foi produzida com o efeito de repetição de aspectos chaves que impõem determinado ritmo e musicalidade”. Os recursos da poesia, além de fortalecerem a memória social, também possibilitam um maior envolvimento do ouvinte através da cadência do ritmo de sua interpretação. As canções também criam semelhante modo perceptivo dado que, além de trazerem nas letras as articulações da fala, podem ter a rima e métrica da poesia, ajudando na memorização pela cadência. A melodia da musicalidade traz ainda um envolvimento emocional, muitas vezes, inconsciente, podendo ajudar a relaxar, animar, alegrar, entristecer... e provocar uma catarse, isto é, uma fuga da realidade. A oralidade da *Radio Rebelde* interpela principalmente para o papel do rádio como um meio de expressividade e fortalecimento do conhecimento expressivo-simbólico. Já as canções trazem ingredientes e elementos renovados para alimentar o imaginário radical. Reconstituem as cenas de enunciação e fazem com que os sujeitos pensem sobre sua própria linguagem e modo de ver o mundo, constituindo-se uma reflexividade fundamental à emancipação.

Já a oralidade secundária, reconstituída a partir da escrita, apresenta-se predominantemente na programação da *Radio Rebelde* nos comunicados e mensagens. São explícitas leituras de textos escritos, inclusive, algumas vezes, com discrepâncias de interpretação. Os primeiros são produzidos para publicação no site *Enlace Zapatista*⁸, que, por isso, perdem a potencialidade de criação

de imagem acústica e a cadência da oralidade, uma vez que o texto escrito para a internet não possui essa preocupação fundamental⁹. Já as mensagens são elaboradas para a Radio *Rebelde*, notadamente, como textos escritos devido à complexa sintaxe das frases formadas, por vezes, por mais de uma oração, e por algumas dificuldades de interpretação dos locutores. Há, no entanto, alguns endereçamentos para criar imagens acústicas como dramatizações e interpeleções aos ouvintes (questionamentos e interjeições). Tanto mensagens como comunicados podem apresentar um conhecimento racional mais aprofundado da realidade, a partir de argumentações baseadas em silogismos que fazem digressões históricas ou que relacionam os diversos elementos de uma realidade em configurações sincrônicas.

Modos de percepção radiofônicos para autonomia

Além da oralidade secundária dos contos, poesias, mensagens e comunicados, que representam uma autodisposição e autodefinição dos formatos, a Radio *Rebelde* pode colaborar com a construção da autonomia devido principalmente a três características dos modos de percepção da tecnologia radiofônica. O primeiro traço é o alcance da transmissão das ondas hertzianas que possibilita a escuta em lugares localizados a quilômetros de distância de maneira instantânea, isto é, no momento que a mensagem é emitida. O rádio “pode chegar a milhares de pessoas de uma só vez e penetra na intimidade de seus lugares” (KAPLÚN, 2006, p. 55). A Radio *Rebelde*, mesmo com um potente transmissor, estimado em 2.000 watts¹⁰, chegava, até julho de 2015, aos municípios de Bochil, Puerto Cate, Soyaló, San Andrés Larráinzar, Jitotol, El Bosque e Cacate, atingindo, no máximo, 30 mil ouvintes. Devido à interferência de uma rádio evangélica no canal da mesma, a estação não conseguiu, desde 2015, ser sintonizada na maior cidade da região, San Cristóbal de Las Casas, com mais de 200 mil potenciais ouvintes. A característica do alcance possibilita assim não só a comodidade de receber as mensagens onde quer que se possa sintonizar o sinal, mas cria a percepção de aproximação do atual e longe, onde as distâncias espaciais podem ser rompidas, sem a perda do tempo da locomoção.

A aproximação do distante cumpre duas tarefas imprescindíveis para construir a autonomia: a mobilização e a irradiação. A primeira configura-se pela informação necessária que motive a participação em ações que, no caso da autonomia zapatista, são cruciais para a prefiguração de eventos – protestos, bloqueios, marchas, atividades exemplares... Já a irradiação é, de acordo com Herman Ouviaña (2011), um processo de partilha de experiências e conhecimentos. Diferente da ideia vertical da conscientização, na qual o explícito convencimento e a persuasão diretos são indispensáveis, neste processo, as rádios autônomas apresentam as ideias como um outro mundo possível: mandar obedecendo, pluralidade, autogestão, sustentabilidade e justiça social como narrativas peculiares que podem gerar identificação com as vivências dos ouvintes, levando a interiorizá-las e criando o que Castoriadis (2006) denomina de imaginário radical.

Esta energia criadora de sentidos definidores dos coletivos, das instituições e dos significados partilhados potencializam-se através do modo de percepção da imagem no rádio, segunda característica que destaco do modo perceptivo desta tecnologia. Conforme o filósofo alemão Rudolf Arnheim (2005, p. 62; 71), o rádio possibilita “o ouvinte ‘contemplar’ com sua própria imaginação o que está ‘falando’ [...], sentindo-se fortemente induzido a imaginar visualmente o espaço real ausente”. A imagem sonora é criada, de acordo com o autor, pela onipotência da palavra, através da força de descrição de lugares, formas e sensações como olfativas, degustativas e táteis, ativando as memórias dos receptores que criam mentalmente, a partir de suas experiências, as imagens. Kaplún (2006) acrescenta os efeitos sonoros e a música como fatores que colaboram para a construção da imagem no rádio, pois favorecem a formação de cenários acústicos, dando à descrição e dramatizações radiofônicas ritmo e complementos com sons de objetos e de seres animados.

Na *Radio Rebelde*, a imagem acústica aparece principalmente nos contos e nas mensagens dramatizadas. Os primeiros formam este modo perceptivo por meio das ricas descrições e interpretações, algumas vezes acompanhadas por onomatopeias. Já as mensagens dramatizadas, além da interpretação, possuem um enredo com personagens, efeitos sonoros e trilhas musicais que criam um conjunto de sons capaz de reconstituir espaços multidimensionais. O que, de acordo com Balsebre (1994, p. 64), Abraham Moles chama de paisagens sonoras: “conjunto de elementos constituídos num espaço, o espaço sonoro [...] no contexto da comunicação radiofônica e a percepção imaginativo-visual do radiouvinte”.

Este envolvimento constrói a terceira característica que contribui para o imaginário de autonomia: a relação de identificação entre o rádio e os ouvintes. Segundo Kaplún (2006, p. 81), a companhia invisível, que o meio proporciona, é criada através da presença que a voz humana proporciona. O rádio simula uma comunicação interpessoal porque tem uma escuta predominantemente individual. O locutor pode ser percebido pelo ouvinte assim como um amigo distante que o descontraí, traz-lhe informações e “explica o mundo que o rodeia e dá chaves para entendê-lo e desenvolver-se nele”. Esta relação possibilita também, para o pesquisador uruguaio, criar uma empatia, projetando a personalidade do receptor no apresentador, principalmente, quando ele simula uma constante interação, prevendo possíveis reações e respostas da audiência e conversando constantemente com a mesma. Estes elementos se potencializam com o forte sentido emocional. “O rádio propicia mais à palavra-emoção do que a palavra-conceito” (KÁPLUN, 2006, p. 74). Reagimos psicologicamente ao som antes de analisá-lo. “O ouvido é ‘o sentido da interioridade’ [...]. A reação imediata é fruto de uma consciência ligada às lembranças e às projeções, abandonando-se em parte o presente” (COSTA FILHO, 1994, p. 78). Na *Radio Rebelde*, além de fortalecer, em seus endereçamentos, o pertencimento como povos originários, busca-se essa identidade em constantes interjeições e questionamentos feitos aos ouvintes, principalmente, nas locuções com as felicitações de “oxalá que esteja

gostando de nossa programação.” e “Que tenha um bom dia!” e saudações dirigidas especificamente para comunidades e pessoas que estão indo, voltando ou trabalhando. A mensagem da autonomia é apresentada de maneira cordial e o imaginário tem maior possibilidade de se irradiar.

Considerações finais

A Radio *Rebelde* é uma iniciativa do movimento insurgente zapatista. Sua programação reflete não só a apropriação deste meio pelo grupo, mas também traços das culturas dos povos originários da região. Além da apresentação bilíngue, os contos, as músicas e as poesias são formas culturais que circulam entre as comunidades indígenas de ascendência maya. A emissora cumpre assim não só o papel de expressividade destes povos e do movimento político, mas também direciona ao reconhecimento de suas culturas e lutas. Esta expressividade encarna, por isso, a autodisposição e a autodefinição do projeto de autonomia.

A tecnologia radiofônica, apropriada pela Radio *Rebelde*, contribui, neste sentido, através do *sensorium* e dos modos de percepção deste meio. A oralidade e a imagem acústica resgatam elementos dos saberes populares, não só dos povos originários por meio dos contos, poesias e canções, mas também da conversa dialogada que partilha notícias e comentários, traduzindo o informacional-técnico para o expressivo-simbólico, a partir de versões dos zapatistas. Já o potencial do alcance da tecnologia, que chega a diversos públicos, promove a irradiação das mensagens políticas e imaginários do movimento.

O projeto de autonomia na Radio *Rebelde* está tanto nos formatos do meio, que se organizam pela autodefinição e autodisposição, como nas lógicas de produção. A emissora, assim como o movimento, rompe com as estruturas baseadas no interesse comercial e mercadológico. A proposta da estação, ao invés de apelar para o consumo e para atração da audiência a todo custo, se consolida como a construção do imaginário de um novo mundo possível que caiba vários mundos

Bibliografía

- ARNHEIM, Rudolf. Os diferenciais da cegueira: estar além dos limites dos corpos. In: MEDITSCH, Eduardo. *Teorias do Rádio: textos e Contextos. Volume 1*. Florianópolis: Ed. Insular, 2005.
- BALSEBRE, Armand. *El lenguaje radiofónico*. Madrid: Editorial Cátedra, 1994.
- BÁRCENAS, Francisco L. Las autonomías indígenas en América Latina. In: CECENÁ, Ana et al. *Pensar las autonomías*. Cidade do México: Sísifo ediciones, 2011.
- BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica. In: *Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios Sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas*. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. *Uma História Social da Mídia. De Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA FILHO, Ismar C. O profeta de volta à cena. In: MESQUITA, Vianney. *O termômetro de McLuhan*. Fortaleza: Ed. UFC, 1994.

DRUETTA, Délia. Repensar la apropiación desde la cultura digital. In: MORALES, Susana; LOYOLA, María Inés. *Nuevas perspectivas en los estudios de comunicación. La apropiación tecno-mediática*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2013.

FERRARETO, Luiz. *Rádio: O Veículo, a História e a Técnica*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

JACKS, Nilda; MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. *Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

KAPLÚN, Mario. *Producción de programas de radio*. Quito: Ciespal, 2006.

MALDONADO, Ezequiel. Los relatos zapatistas y la oralidad. *Revista Convergencia Ciencias Sociales*, n. 24. Toluca: Universidad Autónoma del Estado de México, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REYS, German. *Ofício de cartógrafo*. São Paulo: Loyola, 2004.

ONG, Walter J. *Oralidade y escritura: tecnologías de la palabra*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1993.

OROZCO GOMÉZ, Guillermo. *Lo viejo y lo nuevo*. Madrid: Ediciones de La Torre, 2000

_____. *Recepción y mediaciones*. Buenos Aires: Ed. Norma, 2002.

OUVIÑA, Hernán. Especificidades y desafíos de la autonomía urbana desde una perspectiva prefigurativa. In: CECEÑA, Ana et al. *Pensar las autonomías*. Cidade do México: Sísifo ediciones, 2011.

RONSINI, Veneza V. M. *A crença no Mérito e a Desigualdade: a recepção da telenovela do horário nobre*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1996.

VIRILLO, Luís. O poder e o valor. In: ARELLANO, A. B.; e OLIVEIRA, A. U. *Chiapas: construindo a esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

Notas

1. O zapatismo é um movimento que ficou conhecido internacionalmente por ter inaugurado o ciberativismo. Em 1º de janeiro de 1994, o Exército Zapatista de Libertação Nacional, formado por indígenas de ascendência maya das etnias tsotsil, tsetal, tojobales, zoques e choles, ocupou prédios públicos de seis municípios do Estado de Chiapas no sudoeste mexicano e declarou guerra contra o Exército Federal, reivindicando, na Primeira Declaração da Selva de Lacandón, terra, trabalho, educação, saúde, moradia, alimentação, liberdade, independência, democracia, justiça e paz. Em defesa destas reivindicações e para evitar ampliar o conflito armado, ativistas de diversos grupos criaram uma corrente global, através da nascente internet, não só mobilizando personalidades públicas de vários países (como o escritor Eduardo Galeano e o cineasta Oliver Stone) e entidades (como a ONU e o Vaticano), mas também quebrando o boicote informativo sobre o assunto das emissoras de televisão mexicanas. As mensagens de apoio ao movimento transmitidas em e-mails, bate-papos e páginas da web, colaboraram para levar mais 150 mil pessoas às ruas da Cidade do México exigindo o fim do conflito, o que levou o governo mexicano a declarar cessar-fogo unilateral e iniciar os Diálogos de Paz de San Andrés. Mesmo não conseguindo o acordo desejado, as comunidades zapatistas contam atualmente com autonomia política, possuindo, além do próprio governo e autodefesa, sistema de saúde, judiciário, escolas e meios de comunicação. Ainda que autônomos, os zapatistas não são separatistas, defendendo a construção de um México socialmente justo e politicamente plural.
2. Devido às condições hostis da região de pesquisa, não foi possível entrevistar os produtores da Radio *Rebelde* nem visitar seus estúdios, apesar de duas tentativas em Oventic, localidade onde está situada a sede do Caracol Rebelde e Resistência pela Humanidade. Em ambas, as visitas recebi a resposta na recepção do local de que não havia ninguém disponível para atender-me. Contatei outros pesquisadores locais que me confirmaram a impossibilidade de acesso de pesquisadores ao território zapatista. A região vive o que o filósofo mexicano A. Virillo (2002) denomina de guerra de baixa intensidade. Segundo ele, após o cessar-fogo em 1995, por limitações legais e estratégicas, o governo mexicano tem apostado em ações de contra-insurgência que vão desde tentativas de cooptação, intimidação e deslegitimação de lideranças rebeldes até treinamento e apoio a ataques de grupos paramilitares. O controle das informações e o silêncio são armas fundamentais nessa batalha. Por isso, mesmo quando conquistava acesso e confiança das fontes, as informações restringem-se aos conteúdos que podem ser divulgados publicamente, porque a segurança das mesmas e a minha podem ser comprometidas.
3. Disponível em <<http://www.radioinsurgente.org>>, acesso em 15 de junho de 2010. Tradução minha.
4. Caracol é a unidade administrativa na qual está dividida o território zapatista. É formado pelo conjunto de Municípios Autônomos em Rebelde Zapatista (Marez) que, por sua vez, são formados pelas comunidades zapatistas. Na sede do Caracol, fica a Junta de Bom Governo, responsável pela administração deste território, que reúne representantes dos Marez.
5. Segundo o antropólogo chiapaneco Fábregas Piug (2006b), a maioria dos membros indígenas chiapanecos – tsotsiles, tsetales, choles e tojobales – é monolíngue: 52,8% dos tsotsiles e 57% dos tsetales falam apenas suas línguas originais. Apesar dos dialetos variantes, estes idiomas são inteligíveis por todos que os dominam.

Mesmo sem localizar dados específicos dos gêneros, notei que as mulheres são mais constantemente monolíngues porque poucas frequentam a escola, onde se aprende o espanhol. Observei também que em casa e entre os membros das comunidades indígenas, utiliza-se somente suas línguas originárias.

6. Propaganda gravada com locução e, geralmente, com inserção de fundos musicais e efeitos sonoros e veiculadas nos intervalos das rádios.

7. <http://www.enlacezapatista.org>, acessado em 20/4/2015.

8. Disponível em <http://www.enlacezapatista.org>, acesso em 1/9/2015.

9. O texto da Internet, conforme Pierre Lèvy (1994), volta-se principalmente para promover enlaces com outras páginas, formando assim um hipertexto e possibilitando uma leitura de pilhagem, quando o leitor acessa simultaneamente vários conteúdos fazendo seu próprio caminho de leitura.

10. Realizei o cálculo da potência do transmissor a partir da distância do ponto de transmissão para o ponto de escuta mais distante a partir da tabela disponível em <http://radialistas.net/article/que-distancia-cubro-com-minha-radio/>, acesso em 10/8/2015.